



HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

ARI JOSÉ DE SOUZA

Caros alunos,

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa Adobe Reader 11.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto as setas laterais podem lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

Nesse *pdf*, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

Boa leitura!

SUMÁRIO



APRESENTAÇÃO

Caros graduandos do Curso de Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa, este *e-book* apresenta, de maneira sucinta, os conteúdos a serem trabalhados durante a disciplina de História da Língua Portuguesa, a fim de subsidiar o acadêmico durante os estudos, bem como para a realização de todas as atividades solicitadas nesse período. Em vista disso, consideramos necessário fazer um breve percurso pela história do idioma, salientando que não podemos nos prender apenas a esse material, uma vez que os conteúdos são bastante explicitados por vários estudiosos desse assunto. Para a elaboração deste *e-book*, tomamos como base os autores Ismael de Lima Coutinho (2011); Dolores Garcia Carvalho e Manoel Nascimento (1970) e Júlio Comba (2003), a quem devemos recorrer, para maior aprofundamento do conteúdo abordado.

Iniciemos, portanto, pelo Latim clássico e Latim vulgar; a formação da Língua Portuguesa; os aspectos diacrônicos da Língua portuguesa, incluindo os metaplasmos; o vocalismo, o consonantismo e, por fim, as formas divergentes e convergentes. Assim sendo, acreditamos que com dedicação ao estudo, o acadêmico terá maiores condições para, não só atuar como docente dessa área, entendendo os vários fenômenos ocorridos durante toda a evolução da língua, mas também com maior facilidade para explicar aos futuros alunos, as alterações sofridas pela língua durante todo o processo de formação. Recomendamos a todos um bom trabalho e uma boa leitura.

Em alguns exemplos apresentados neste *e-book*, vocês perceberão algumas marcas de acentuação em algumas palavras latinas. Tais marcas são apenas para chamar a atenção para a sílaba tônica, já que no latim há uma outra modalidade de acentuação.

CAPÍTULO I - LATIM CLÁSSICO E LATIM VULGAR

De acordo com Comba (2003), o latim foi o primeiro idioma falado numa pequena região da Itália, chamada Lácio, onde, hoje, está situada a cidade de Roma, fundada em 754 a. C. Segundo Carvalho e Nascimento (1971), teve as suas origens entre humildes pastores e agricultores e, com o passar do tempo, foi aos poucos absorvendo os falares itálicos e tornou-se a língua nacional de todo o Império Romano. O latim não era uniforme em todo o país, existiam duas modalidades dessa língua, o latim clássico, *sermo urbanus*, e o latim vulgar, *sermo vulgaris*. O primeiro quase sempre escrito, usado pelos artistas da palavra e pela sociedade culta, ensinado nas escolas e academias, enquanto o segundo usado despreocupadamente por pessoas simples do povo como a classe média, latim familiar, a classe baixa, latim plebeu, os marinheiros, latim náutico, os operários, latim proletário, os camponeses, latim rural. Portanto, há uma diversidade de falares que não eram línguas distintas, apenas duas modalidades de uma mesma língua, que existiam simultaneamente. É exatamente desse latim vulgar que procedem as línguas românicas, entre elas, a língua portuguesa. Ainda existia o chamado baixo latim, usado pelos padres da Igreja da Idade Média, que preferiam ser entendidos pelos fiéis a serem ignorados pelo uso do latim clássico; também o latim bárbaro, apenas escrito, era o latim dos copistas da Idade Média, assim é chamado por ser mesclado de palavras romanas e provinciais.

Latim vulgar

As diferenças entre o latim clássico e o vulgar ocorrem na fonética, no léxico, na morfologia e na sintaxe.

- a) Na fonética:** no latim vulgar, havia uma tendência em evitar as palavras proparoxítonas, passando-as naturalmente a paroxítonas. Ex: Cáthedra, no latim clássico; cathédra, no latim vulgar; cadeira, no português.
- b) No léxico:** uso de palavras mais populares e afetivas, usadas com sufixos diminutivos, como exemplo, a palavra auris, latim clássico, que foi substituída por auricula, no latim vulgar, que originou no português orelha.
- c) Na morfologia:** uma tendência para o uso de formas analíticas, com o uso de pronomes demonstrativos e do pronome unus com valor de determinativos, artigo definido e indefinido. Ex: no latim clássico se dizia puer, no latim vulgar preferia dizer illu puer ou unu puer; a forma analítica para o grau dos adjetivos, que no latim clássico usava a forma sintética como em altior, mais alto, no latim vulgar preferia a forma magis altus ou plus altus; a forma analítica para os verbos na voz passiva, no latim clássico, laudor, sou louvado, no latim vulgar preferia a forma laudatus sum.

d) Na sintaxe: aparece o uso das preposições. Lembremo-nos, pois, dos casos e das declinações, estudados no primeiro e no segundo ano do curso. Casos latinos, maneira de escrever a palavra em latim de acordo com a função sintática que ela exerce na oração. Declinar uma palavra é escrevê-la, conforme o caso ao qual ela pertence. Assim, uma palavra em latim pode ser escrita de seis maneiras diferentes, já que existem seis casos em latim, isto é, um caso para cada função da palavra. Ex: tomemos a palavra Pedro. Exercendo, na oração, a função de sujeito, escreve-se Petrus; com a função de adjunto adnominal, Petri; com a função de objeto indireto, Petro; com a função de objeto direto, Petrum; com a função de vocativo, Peter, com a função de adjunto adverbial, Petro. Tais flexões ocorrem tanto no singular como no plural. A desinência desses casos foi eliminada no latim vulgar, a palavra foi reforçada por uma preposição. Ex: ad libru. O latim clássico usava a forma infinitiva *vulgus dicit terra esse rotundam*, o povo diz a terra ser redonda; no latim vulgar, usava a forma analítica. Ex: *vulgus dicit quod terra est rotunda* o povo diz que a terra é redonda. Devido a palavra ser escrita de acordo com a sua função na oração, no latim clássico, tem maior liberdade de posição da palavra na oração; no latim vulgar, devido à eliminação da desinência dos casos, fez-se necessária uma ordem das palavras na oração como sujeito, verbo e complemento.

Conforme mencionado, o latim vulgar era o latim pertencente a língua falada de pessoas menos cultas, enquanto o clássico era o da literatura, dos grandes literatos, como Túlio, Catulo, Virgílio, entre outros. Por isso, são raras as fontes de conhecimento do latim vulgar, já que não era uma língua escrita, entretanto existem algumas inscrições, em latim vulgar, que retratam o trabalho de humildes artistas plebeus que deixaram nelas retratadas a própria linguagem.

Coutinho (2011) apresenta algumas inscrições encontradas em latim vulgar, dentre elas, destacam-se a tabuinhas execratórias, segundo ele, pequenas tábuas de chumbo, bronze, estanho, mármore ou terracota, nelas, estão escritas algumas formas de encantamento ou de maldição; o *Apendix probi*, de autor anônimo, em que são demonstradas uma relação de palavras, com a correção. Ex: *speculum non speclum*; a *Peregrinatio ad Loca Sancta*, em que a Monja Egéria relata a sua visita à Terra Santa; as Glosas, feitas para facilitar a leitura dos autores latinos, as palavras desconhecidas vêm acompanhadas de sinônimos semânticos mais familiares. Ex: *Pulcrha* = bela, *optimum* = valde bonum.

As línguas românicas são assim chamadas por terem a sua origem no latim vulgar, quais sejam, o português, o espanhol, o catalão, o francês, o provençal, o italiano, o reto-romano, o dalmático, o romeno e o sardo. Dentre essas línguas, está, portanto a língua portuguesa, de nosso interesse nessa disciplina.

CAPÍTULO II - A FORMAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

A língua portuguesa é uma continuidade do latim levado pelos romanos à Península Ibérica. Segundo Carvalho e Nascimento (1971), há uma inter-relação entre o seu histórico e a história da Península.

A Península sofreu a invasão romana no século III a C, antes habitada. Entretanto pouco se sabe a respeito dos povos que a habitavam, considerados os mais importantes, citam-se os iberos, os celtas, os fenícios, gregos e os cartagineses. Muitos séculos antes de Cristo, viviam na Península, os iberos, povo agrícola e pacífico, os mais antigos. Por volta do século VI a. C., os celtas, povo guerreiro, invadiram a Península, com o passar do tempo, mesclaram com os iberos, dessa mistura originaram os celtiberos.

Com o passar do tempo, outros povos como os fenícios, os gregos e os cartagineses ocuparam vários pontos da Península, estabelecendo colônias comerciais. Foi por conta desse último querer se apoderar da Península que os celtiberos solicitaram ajuda aos romanos. No século III a. C., com o objetivo de impedir a ameaça dos cartagineses em dominar o mundo mediterrâneo, almejado por Roma, os romanos invadem a Península, dominando-a, não somente um domínio militar, mas também cultural. Roma ia impondo, naturalmente, a sua língua, o Latim, fundaram escolas, construíram estradas, templos, organizaram o serviço de correios, o comércio entre

outros. Era exigido o uso do latim nas transações comerciais, assim como nos atos oficiais, na organização do serviço militar obrigatório, em que se exigia o uso do latim. Cabe lembrar que não era o latim clássico, mas o latim vulgar, já que era este o utilizado pelos soldados e colonizadores romanos. Por conta desse prestígio de língua oficial, ensinada nas escolas e usada nas transações comerciais, foi adotada, lenta e progressivamente, pelos habitantes da Península. No século V, já da era cristã, a Península está totalmente romanizada tanto política como linguisticamente.

Nesse mesmo século, ocorre a invasão dos bárbaros germanos, os alanos, suevos, vândalos e visigodos, povo guerreiro, mesmo de cultura inferior aos romanizados e, embora vencedores, os bárbaros adotaram tanto a civilização como a língua latina. Entretanto, foram causa da dissolução da unidade política do império, fecharam escolas, por considerar que a instrução debilitava o espírito guerreiro do homem, houve o desaparecimento da nobreza romana que conservava o latim. Nos mosteiros, conservava-se a língua clássica, contudo a leitura dos clássicos latinos foi proibida pelo cristianismo por estar contaminada pelo espírito pagão.

Por conta desses acontecimentos e com a queda do Império Romano, começa a dialeção do latim vulgar, já bastante modificado pela ação do substrato linguístico ali existente, que se desenvolve livremente em cada região, dialetando-se, tendo como causa a invasão bárbara e a ação do substrato. No século VII, conforme

Carvalho e Nascimento (1971), os árabes, vindos do Norte da África, sob o comando do General Tarique, invadem a Península. Diferente dos bárbaros, com uma cultura superior, impõem sua língua como oficial. Entretanto os peninsulares continuam a falar o latim. Pelas oposições de relação língua e religião é que se deu a não aceitação da civilização árabe. Alguns povos sofreram a influência árabe, formando os moçárabes, mistos na linguagem e nos costumes, só não na religião, pois continuavam cristãos. Os árabes permaneceram na Península por mais de sete séculos, embora seu grau de cultura fosse elevado, pouca influência tiveram na língua portuguesa referente ao léxico, aproximadamente mil vocábulos de origem árabe, caracterizados pelo prefixo AL, artigo definido árabe, como em álgebra, algibeira, álcool etc. Em 1492, século XV, os árabes foram expulsos da Península por Fernando de Aragão e Isabel de Castela. Para essa expulsão, muitas lutas foram travadas, em fins do século XV, muitos fidalgos vieram militar em favor de D. Afonso VI, rei de Leão e Castela. Dentre eles, estava D. Henrique, conde de Borgonha, que colaborou muito com a coroa e com a causa cristã. Como gratidão, o rei deu-lhe em casamento sua filha D. Tareja e, ainda, como dote, o governo do Condado Portucalense, situado entre os rios Douro e Minho. Segundo Carvalho e Nascimento (1971), o casamento ocorreu em 1095.

Houve sempre um interesse desse Condado em tornar-se independente do reino de Leão e Castela, mas D. Henrique faleceu, deixando a viúva e um filho, D. Henriques. A eles coube a respon-

sabilidade de lutar pela independência. Em 1139 começa a batalha de Ourique entre muçulmanos e portugueses, com D. Henriques comandando as tropas. Antes mesmo que a luta tivesse início, os soldados portugueses o aclamam rei de Portugal, entretanto o título de rei e a independência só são reconhecidos no ano de 1143. Na região, em que se estabeleceu a monarquia portuguesa, falava-se o dialeto galesiano. Portugal começa a sua expansão para o sul, estabelecendo seus limites, absorvendo os falares existentes. À medida que isso ocorria, processavam-se as diferenciações linguísticas entre o falar dos galegos, que permaneceu estacionado, e o falar dos portugueses que evoluiu, tornando independente do galego. É daí que surge a expressão galego-português de duas línguas diferentes. O galego foi absorvido pela unidade castelhana, enquanto o português continuou evoluindo, tornando-se a língua de uma nação. No século XII, surge o primeiro texto em língua portuguesa, *a Cantiga da Ribeirinha*, datado de 1189, de autoria de Paio Soares de Taveirós, dedicado a Dona Maria Pais Ribeiro, por alcunha “A Ribeirinha”, amante de D. Sancho I. X

A língua portuguesa apresenta três fases distintas: a Pré-Histórica, que começa com as origens da língua e vai até o século IX; a fase Proto-Histórica, vai do século IX ao XII; e a fase histórica, que vai do século XII até os dias atuais. O período arcaico do português compreende do século XII ao XVI, quando aparecem textos em poesia e

em prosa. D. Dinis, Rei Trovador, funda em Coimbra a primeira universidade e torna o português obrigatório, o que ocorre em 1290. O período do português moderno compreende do XVI até os nossos dias. No século XVI, houve um interesse por parte dos humanistas do Renascimento em imitar os modelos latinos, aproximando a língua portuguesa da língua latina. Surge, nesse período, a obra de Luís Vaz de Camões, *Os Lusíadas*, que marca a história do idioma como maior monumento literário e linguístico e a primeira gramática da língua portuguesa, escrita por Fernão de Oliveira, intitulada *Gramática da Lingoagem Portuguesa*. A segunda gramática foi escrita em 1540 por João de Barros, conservando o mesmo título da primeira.

A partir do século XV, período das grandes navegações portuguesas, com descobrimentos e novas conquistas, a língua portuguesa foi levada a essas regiões. Segundo os ensinamentos dos autores em tela, o português atinge os seguintes domínios: Português continental, falado em Portugal; Português Insulano, falado nas ilhas da Madeira e dos Açores; Português Ultramarinho compreende o brasileiro; indo-português, que abrange os dialetos crioulos de Damão, Diu, Goa (Ásia); dialeto crioulo de Ceilão (Ásia); dialeto crioulo de Macau (Ásia); malaio-português, com os dialetos crioulo de Java, Malaca, Singapura (Ásia); português de Timor (Ásia-Oceânia); dialeto crioulo de Guiné (África); dialeto crioulo de Cabo-verde (África); português de Angola, Moçambique, Zanzibar, Mombaça, Melinde e Quiloa (África).

Em algumas regiões da África e da Ásia, a língua portuguesa, em contato com as línguas indígenas, sofrendo várias alterações, originando o dialeto crioulo, falar indígena resultante do uso de uma língua de civilização pelos nativos, nas relações comerciais.

Sugiro que assistam aos vídeos:

Origem e evolução do Português (Aula Completa)

De onde vem a Língua Portuguesa? Qual sua origem?

CAPÍTULO III - ASPECTOS DIACRÔNICOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Além de outros, a língua é estudada sob dois aspectos, o sincrônico e o diacrônico. O primeiro estuda a língua em um determinado tempo específico, ao passo que o segundo estuda a evolução da língua com o passar do tempo. Aqui, interessa-nos o aspecto diacrônico da língua portuguesa. Vejamos, então, as alterações fonéticas que ela sofreu durante a evolução.

O que são metaplasmos? São as modificações fonéticas sofridas pelas palavras durante a evolução, na passagem do latim para o português. Cada geração altera, inconscientemente, as palavras da língua, que só se tornam sensíveis ou perceptíveis depois de decorrido muito tempo.

Segundo Coutinho (2011), essas alterações ocorrem de quatro maneiras: por aumento, por supressão ou diminuição, por transposição e por transformação.

1- Por aumento

Como o próprio nome sugere, ocorre um aumento do vocábulo, que acontece no início, no meio ou no final. As alterações em cada uma dessas posições recebe nome especial. Quando o aumento se dá no início do vocábulo, recebe o nome de prótese; quando no meio, de epêntese e ao final, de paragoge.

Prótese: acréscimo de um fonema no início do vocábulo.

Ex: Stare passa a estar; spiritu a espírito; scutu a escudo. Houve o acréscimo de um E no começo dos vocábulos. Também há uma forma especial de prótese que é a aglutinação, a incorporação do artigo no início do vocábulo. Ex: lacuna passa a alagoa; minacia passa a ameaça.

Epêntese: acréscimo de um fonema do meio do vocábulo.

Ex: stella passa a estrela; humile passa a humilde; umeru passa a ombro. Houve o acréscimo de um R, no meio da palavra estrela, de um D, no meio da palavra humilde e um B, no meio da palavra ombro.

A epêntese tem uma modalidade chamada suarabácti, que é a intercalação de uma vogal para desfazer um grupo de consoantes.

Ex: planu que passa a prão e, depois, a porão; blata que passa a brata e, depois, a barata; grupa que passa a garupa.

Paragoge: acréscimo de um fonema no final do vocábulo.

Ex: ante que passa antes. Há o acréscimo do S ao final da palavra.

2 - Por supressão ou diminuição

Ocorre a diminuição de um fonema no vocábulo, que também acontece no início, no meio ou no final. Em cada uma dessas posições, a redução recebe nome distinto. Quando no início, recebe o nome de aférese; quando no meio, de síncope e, ao final, de apóco-

pe. Ainda por supressão, ocorre a crase ou sinalefa, que é a fusão de duas vogais iguais em uma só.

Aférese: supressão de um fonema no início de um vocábulo.

Ex: acume passa a gume; attonitu a tonto; episcopo a bispo.

Há um caso especial de aférese que é a deglutinação, que é a supressão de um A ou O iniciais, por confusão com o artigo.

Ex: horologiu que passa a orologio e, depois, a relógio; apotheca que passa a abodega e, depois, a bodega.

Síncope: supressão de um fonema no meio de um vocábulo.

Ex: legale passa a leal; legenda a lenda; malu a mau.

A síncope tem uma modalidade, chamada de haplologia, que é a supressão da primeira sílaba de duas sucessivas iniciadas pela mesma consoante.

Ex: bondadoso passa a bondoso; tragicocomedia a tragicomé-
dia; formicicida a fomicida.

Apócope: supressão de um fonema no final do vocábulo.

Ex: mare passa a mar; amat a ama; male a mal.

Crase: fusão de duas vogais em uma só.

Ex: pede passa pee, com a fusão de EE, pé; colore passa a coor,
com a fusão de OO, cor; nudo passa nuu, com a fusão de UU, nu.

Quando a crase se dá pela junção da vogal final de outra, na formação de expressões compostas, recebe o nome de sinalefa.

Ex: outra hora passa a outrora; de este a este; de intro a dentro.

3 - Por transposição

Os metaplasmos por transposição ocorrem pelo deslocamento de fonema ou do acento tônico da palavra. Como o nome sugere, o fonema ou o acento muda, dentro do vocábulo, de um lugar para outro. Tal deslocamento do fonema pode ser por metátese e por hipérese.

Metátese: é a transposição de um fonema em uma mesma sílaba.

Ex: pro passa a por; semper a sempre; inter a entre.

Hipérese: é a transposição de um fonema de uma sílaba para outra.

Ex: capio passa a caibo; primariu a primairo e, depois, primeiro; fenestra passa festa e, depois, fresta.

O deslocamento do acento tônico tem o nome de hiperbibatismo que ocorre por sístole ou diástole.

Sístole: recuo do acento tônico da palavra.

Ex: pantânu passa pântano; campâna a campa; idólu a ídolo;

Diástole: avanço do acento tônico da palavra.

Ex: límite passa a limite; pônere a ponere; tênebra a tenebra.

4- Transformação

Os metaplasmos por transformação se dão pela transformação de um fonema em outro. Ocorrem por: vocalização, consonantização, nasalização, desnasalização, assimilação, dissimilação, sonorização ou abrandamento, palatização, assibilação, ditongação ou alargamento, monotongação ou redução, apofonia e por metafonía. Vocalização: é a transformação de uma consoante em uma vogal.

Ex: nocte passa a noite; regnu a reino; multu a muito.

Consonantização: é a transformação de uma vogal em uma consoante, dão-se casos de consonantização com as vogais I e U latinas, que passam a J e V, respectivamente.

Ex: iam passa a já; Iesus a Jesus; uita a vida; uaca a vaca.

Nasalização: é a passagem de um fonema oral a nasal.

Ex: nec passa nem; mihi a mim; bonu a bom.

Desnasalização: é a passagem de um fonema nasal a oral.

Ex: luna que passa lua, mantendo a nasalização, depois, a lua, desnasalizado; bona passa a boa, também mantendo-se nasalizada e, depois boa, desnasalizada; ponere passa pôer, depois, por.

Assimilação: é a transformação de um fonema em outro igual ou semelhante já existente na mesma palavra.

Ex: ipsu passa a isso.

A assimilação é total, parcial, progressiva e regressiva.

É **total** quando o fonema assimilado se iguala ao assimilador.

Ex: persona passa a pessoa; mirabilia a maravilha; per + lo a pelo.

É **parcial** quando o fonema assimilado apenas se assemelha ao assimilador.

Ex: auru passa a ouro; lacte passa a leite e, depois a leite; assibilare passa a assibiar e, depois, a assobiar.

É **progressiva** quando o fonema assimilador está antes do assimilado.

Ex: amam-lo passa a amam-no; nostro a nosso.

É **regressiva** quando o fonema assimilador está depois do assimilado.

Ex: persicu passa a pêsego; captare passa a catar e, depois a catar; ipsa a essa.

Dissimilação: é a diferenciação de um fonema por já existir outro igual na palavra.

Ex: liliu passa a lírio; memorare passa a membrar e, depois, a lembrar; rotundo passa a rodondo e, depois a redondo. A dissimilação leva à supressão de fonemas. Quando isso acontece, recebe o nome dissimilação eliminadora. Ex: aratru passa a arado; cribru a crivo; rostru a rosto.

Sonorização ou abrandamento: é a transformação de uma consoante surda para a sua correspondente sonora. Mas só ocorre a sonorização se a consoante surda estiver em posição intervocálica. A surdas que se sonorizam são:

P passa B, como em capio que passa a caibo, lupu a lobo, sapui a soube;

T passa a D, como em civitate que passa a cidade, citu a cedo, maritu a marido;

C (que) passa a G (gue), como em pacare que passa a pagar, aqua a água, amicu a amigo, aquila a águia;

C passa a Z, antes de E e I, como em acetu que passa a azedo, vicinu a vizinho, facere a fazer;

F passa V, como em profectu que passa a proveito, aurifice a ourives;

B passa a V, como caballu que passa a cavalo. Essa passagem de B para V recebe o nome de degeneração.

Palatização: é a transformação de um ou mais fonemas em uma palatal, em geral, ocorre com:

N seguido de E ou de I mais uma vogal passa a NH, como em vinea que passa a vinha;

NE + a passa a NH, como em aranea a aranha, seniore a senhor, junio a junho;

L antes de E e I mais uma vogal passa LH, como em palea, que passa a palha, folia a folha, juliu a julho;

D seguido de E ou de I mais vogal passa J, como em video, que passa a vejo, hodie a hoje, invidia a inveja;

Os grupos CL, PL e FL passam a CH, como em clave que passa a chave, pluvia a chuva, implere a encher, inflare a inchar

Os grupos CL, PL, GL passam a LH, como em oculo que passa a oclo e, depois, a olho, apicula, que passa a apecla e, depois, a abelha;

SC e SS seguidos de I ou E passam a X, como em pisce, que passa a peixe, passione a paixão, miscere a mexer;

S seguido de I passa a J, como em cerevesia que passa a cerveja, basiu a beijo, ecclesia a igreja.

Assibilação: é a transformação de um ou mais fonemas em uma sibilante. Em geral, ocorre com:

T seguido de E ou de I, mais vogal, passa a Ç ou Z, como em capitia que passa a cabeça, lentiu a lenço, bellitia a beleza, ratione a razão;

D, seguido de E ou de I, mais vogal passa a Ç, como em audio que passa a ouço, ardeo a arço;

C, seguido de E ou de I, mais vogal, passa Ç ou Z, como em lancea que passa a lança, minacia a ameaça, Gallicia a Galiza, judiciu a júizo.

Ditongação: é a passagem de um hiato ou de uma vogal a ditongo, como em malo que passa a maoo e, depois a mau, sto a estou, do a dou, arena a areia.

Monotongação: é a simplificação de um ditongo em uma vogal, como em fructu que passou a fruto e, depois, a fruto, lucta a luta e, depois, a luta, auricula a orelha.

Apofonia: é a mudança de timbre de uma vogal por influência de um prefixo, como em in + apto que passa a inepto, in+barba a imberbe, sub+jacto a sujeito.

Metafonia: é a mudança de timbre de uma vogal tônica por influência de outra, geralmente I ou U, como debita que passa a dívida, tepidu a túbio, toso, do verbo tossir, a tusso, cobro, do verbo cobrir, a cubro.

Assista ao vídeo em que o autor apresenta o artigo intitulado “Metaplasmos contemporâneos: um estudo acerca das atuais transformações fonéticas da Língua Portuguesa”.

Apresentação Metaplasmo

Se tiver interesse em ler o artigo acesse:

Metaplasmos contemporâneos – Um estudo acerca das atuais transformações fonéticas da Língua Portuguesa

CAPÍTULO IV - VOCALISMO

Vocalismo é o estudo da evolução dos fonemas vocálicos na passagem do latim para o português.

Na disciplina de estudos latinos I e II, estudadas no primeiro e segundo anos do curso, vimos que o latim clássico tem cinco vogais, sendo A, E, I, O, U, entendidas de acordo com a pronúncia, isto é, abertas ou fechadas, sendo breves ou longas, exceto o A que é tanto breve como longo. Assim, as cinco vogais são como se fossem dez. Na passagem para o latim vulgar, o que é bastante natural na fala simples do povo, perdeu-se essa noção de quantidade. Dessa forma, o I aberto confundiu-se com o E fechado e U aberto com O fechado, tornando assim, a sete vogais no latim vulgar.

Para o estudo do vocalismo, é necessário fazer a distinção entre as vogais tônicas e átonas.

As vogais tônicas permaneceram na palavra por conta da tonicidade. É a lei da persistência da sílaba tônica, como aqua que passou a água, veja a sílaba tônica, pacem a paz. Conforme Carvalho e Nascimento (1971), existem exceções, que são explicadas pelas causas fonéticas, analógicas ou até mesmo pela introdução de palavras eruditas na língua.

As vogais átonas, dependendo da posição na palavra, são divididas em pré-tônicas ou pós-tônicas, estão antes ou depois da sílaba tônica.

As pré-tônicas são iniciais ou mediais.

A vogal pré-tônica inicial teve duas opções, permaneceu ou sofreu aférese.

Permaneceu: Ex: amicu que passou a amigo, acutu a agudo.

Sofreu aférese: Ex: episcopo que passou a bispo, acume a gume.

A pré-tônica medial sofreu síncope. Ex: bonitate que passou bondade, honorare a honrar, computare a contar.

Quanto à posição na palavra, as vogais pós-tônicas são mediais ou finais, estão no meio ou no final da palavra.

A vogal pós-tônica, imediatamente seguida da tônica de modo geral sofreu síncope, por conta da tendência em evitar as proparoxítonas, como em **viride** que passou a verde, **lepore** a lebre, **opera** a obra.

As pós-tônicas finais I e U latinas passaram, respectivamente, a E e O, como em vivi que passa vive, campu a campo.

No caso de a vogal pós-tônica estar antecedida de consoante, podendo formar sílaba com a vogal anterior, sofreu apócope. São

elas: L, N, R, S, Z, como em male que passou a mal, bene a bem, amare a amar, mense a mês, cruce a cruze e, depois, a cruz. As vogais A e O em posição pós-tônica final não sofreu modificação alguma. Ex: aqua que passou a água.

Os ditongos no latim clássico são três, AE, AU, OE, entretanto, na passagem para o latim vulgar, alguns são reduzidos a simples vogais.

AE passa a E, como em caelu que chega ao português céu; AU passa a OU ou a AU, com em tauru que passa a touro, audace a audaz. Atenção, o ditongo OU alterna-se com OI, como em ouro e oiro, touro e toiro. Não há uma alteração fonética que explique esse caso. O ditongo OE passa a E, como em poena que passa a pena, foeno a feno.

A língua portuguesa tem dois ditongos de origem latina que são AU e OU. Contudo, a língua portuguesa tem muito mais ditongos que são de origem românica, formados na fase de evolução da língua.

Quais foram as causas para a formação dos ditongos no português? Ela ocorre por síncope da consoante intervocálica, como em vanitate, que passa a vaidade, observe o ditongo AI; por vocalização, como em nocte que passa a noite, observe o ditongo OI; por alargamento, isto é, epêntese de um semivogal para desfazer o hiato, como em area, que passa a areia, observe o I epentético; por oclusão, fechamento de timbre das vogais E e O que passam a I e U respectivamente, como em mao que passa a mau, veo a véu.

As terminações latinas anu, ane, udini, ant, unt que no português arcaico são de terminação am, ã, om, ã representam as formas do português atual, como em veranu que passou a verão, pane a pão, oratione a oração, ratione razão entre outros.

Hiatos. A língua portuguesa sempre apresentou, naturalmente, uma tendência em evitar o hiato, isso ocorre desde a fase arcaica da língua, de forma natural e espontânea dos falantes. Segundo Coutinho (2011), eles foram, aos poucos sendo eliminados de diversas maneiras.

Crase, fusão de duas vogais iguais como em teer, leer seer, que passaram respectivamente a ter, ler, ser;

Pela assimilação, como em paomba que passou a pomba, maestre a mestre;

Pela absorção de uma vogal por consoante de mesma natureza, com angeo que passou a anjo, rigeo a rijo

Pela ditongação originária da epêntese de um l como em cea, fea, tea, que passaram respectivamente a ceia, feia, teia;

Pelo desenvolvimento do som palatal de transição nh, como em mia, vio, com i nasalizado, que passaram a minha e vinho.

CAPÍTULO V - CONSONANTISMO

Segundo Carvalho e Nascimento (1971), consonantismo é o estudo das transformações sofridas pelos fonemas consonantais durante a evolução histórica. Para tal estudo, sugerem estabelecer a distinção entre consoantes simples e grupos consonantais.

As consoantes simples são iniciais, mediais e finais, conforme a posição na palavra.

As consoantes iniciais, na passagem para o português, mantiveram-se inalteradas, como em *bene*, *gutta* e *patriam* que passaram a *bem*, *gota*, *pátria*, respectivamente. Há exceções como em *cattu*, *palore*, *vesica*, que passaram a *gato*, *bolor*, *bexiga*.

As consoantes mediais surdas, quando entre vogais, passaram para as suas correspondentes sonoras como *ripa*, *vita*, *lupu*, que passaram a *riba*, *vida*, *lobo*.

As consoantes mediais sonoras, na sua passagem para o português, tiveram três comportamentos distintos, casos em que sofreram síncope, casos em que permaneceram na palavra, ou se alteraram.

B modificou-se em V, como em *caballu* que passou a *cavalo*; sofreu síncope como *praebenda* que passou a *prenda*.

D sofreu síncope, como em *sedere*, *pede*, *fidele*, que passaram a *ser*, *pé* e *fiel*, respectivamente.

G sofreu síncope, como em regale e legere, que passaram a real e a ler; vocalizou-se, como em plaga e lege, que passaram a praia e lei; manteve-se, como em rogare e paganu, que passaram a rogar e pagão.

L sofreu síncope, como em filo, que passou a fio.

M permaneceu, como em amicu, lacrima, que passaram a amigo e lágrima.

N nasalizou a vogal anterior e depois caiu como consoante. A ressonância nasal, na maioria dos casos, desapareceu. Ex: lana passou a lâ, manu a mão, ponere a pôer e, depois, a por, generale a geeral, com o e nasalizado, e, depois, a geral; persona a persõa, depois, a pessoa.

Nas terminações INA e INU, desenvolveu um fonema de transição NH. Ex: vinu passou a viu, com o i nasalizado, depois, a vinho, regina passou a reina, com o i nasalizado, depois, a rainha.

R permaneceu, como em hora, corona que passou a coroa, arena a areia.

As consoantes finais, em sua maioria, sofreram apócope, as que permaneceram são: m, n, r, s.

M permaneceu nos monossílabos, como em quem e cum que passaram a quem e com.

N conservou-se como ressonância nasal, às vezes representado por til ou por M, como em in que passou a en e, depois, em; non a não.

R permaneceu, mas sofreu metátese, mudou para antes da vogal anterior, com em inter, semper que passaram a entre e sempre.

S conservou-se como marca de plural como em aves > aves; também nos nomes próprios, como em Deus, Marcos; nos verbos, como em debemus que passou a devemos; e nos advérbios como em magis que passou a mais.

Grupos consonantais, são duas ou mais consoantes juntas dentro da palavra. São:

Homogêneos, formados de consoantes iguais, como bucca, stupa etc;

Heterogêneos, formados de consoantes diferentes, como em clave, persona etc.;

Latinos, aqueles que já existiam em latim, como clave, persona etc.;

Românicos, aqueles resultantes da síncope de uma vogal oculo > oclo, auricula > auricla;

Próprios, são constituídos de uma oclusiva ou F mais uma líquida L ou R, como placere, premere, flama etc.;

Impróprios, aqueles que não estão inclusos nos grupos próprios.

Eis cada um desses casos.

Grupos homogêneos, passaram a consoantes simples, como *sabbatu* que passou a sábado, *bucca* a boca, *illa* a ela.

Na língua portuguesa não há consoantes dobradas, exceto nos dígrafos como *SS* e *RR*, para diferenciar os sons, como *casa* e *cassa*; *caro* e *carro*.

Grupos próprios, em posição inicial e terminados em *R* não sofreram alterações.

Ex: *braciu* > braço, *cruce* > cruz, *grado* > grau, *frenu* > freio.

Esses grupos, quando terminados em *L*, ocorreu o que segue:

Os grupos *CL*, *FL*, *PL* palatizaram passando a *CH*, como *clave* > chave, *flagrare* > cheirar, *pluvia* > chuva. Em algumas palavras, o *L* desses grupos passou a *R*, como *placere* > prazer, *fluxo* > frouxo, como ocorre hoje, *plantar*, no falar simples do povo, *prantar*.

Os grupos *BL* e *GL* passaram a *BR*, *GR* ou, então, a *L*, como em *blandu* > brando, *glute* > grude, *glatire* > latir.

Grupos próprios, em posição medial e terminados em *R*, quando antecidos de consoante, não se modificaram, mas, quando antecida por vogal, sonoriza, vocaliza, sofre síncope ou conserva: *membu* > membro, *latrone* > ladrão, *monstrare* > mostrar, *lacrima* > lágrima, *scribere* > escrever, *integru* > inteiro, *exfricare* > esfregar,

cathedra > cadeira, capra > cabra, flagrare > cheirar, libru > livro, nigrum > negro, quadraginta > quarenta > quarenta. Em alguns casos, o R da sílaba átona foi dissimilado, como em aratrum > arado, rostrum > rosto.

Quanto às palavras pater e mater, pai e mãe, segundo Coutinho (2011), elas existiam em latim vulgar nas formas pate e mate, por analogia a frater, a queda do R se deu por dissimilação.

Os grupos próprios, em posição medial e terminados em L, quando antecidos de consoante, e em LH, quando precedidos de vogal, palatizaram em LH, como em masculum > maclu > macho, fasculum > fasclo > facho, macula > mancula > mancla > mancha, inflare > inchar.

O mesmo ocorreu com os grupos BL, GL, TL, como tribulum > trblum > trilho, tegula > tegla > telha, vetulum > vetlo > velho.

Grupos impróprios, os iniciados por S recebem E protético e SC seguido de vogal I e E, o S sofre aférese, como em scutum > escudo; scena > cena.

Nos grupos de oclusivas mais outra consoante, nota-se que:

PS assimila, ipse > esse;

CT vocaliza nocte > noite;

PT vocaliza ou assimila, conceptum > conceito, septem > sete;

GN vocaliza ou palatiza, regnu > reino, signa > senha; CS passa a IX, IS ou SS.

Os grupos originados dos prefixos AD, SUB assimilam. Subjectu > sujeito.

RS e MN assimilam-se. Persicu > pêssego, somnu > sono;

RB, LB, B passam a V. arbore > árvore;

NS o n sofreu síncope. Mensa > mesa, mense > mese > mês, ansa > asa

SC seguido de E ou I passa IX ou assimila. Patescere > padecer; cognoscere > conecer > conhecer; pisce > peixe.

LT, LC, LP o L vocalizou. Multo > muito.

LY e NY palatizam a LH;

Cy e TY assibilam para C ou Z;

Dy assibila para C ou palatiza a J

GY palatiza a J.

A fim de complementar os estudos referentes ao vocalismo e ao consonantismo, assista ao vídeo:

Latim para principiantes, 1-2: Ditongos; sons das consoantes

CAPÍTULO VI - FORMAS DIVERGENTES E CONVERGENTES

Formas divergentes são assim chamadas quando duas ou mais palavras da língua portuguesa originam de uma única palavra latina. Para exemplificar, podemos recorrer à palavra latina mácula, que deu origem às palavras malha, mancha, mangra, mágoa e mácula da língua portuguesa; a palavra latina plaga deu origem às palavras chaga, praia, praga e plaga da nossa língua; a palavra latina legale deu origem às palavras leal e legal, comumente usadas; solitariu deu origem a solteiro e a solitário.

Segundo Coutinho (2011), as causas das formas divergentes são a corrente popular, a erudita e a corrente estrangeira.

A corrente popular, o povo fazendo uso das palavras fez com que elas tomassem, de acordo com as épocas, várias formas, originando, então, várias palavras. Como exemplo as palavras chumbo e prumo, da língua portuguesa, que tiveram sua origem na palavra latina plumbu; as palavras artelho e artigo, também da língua portuguesa, são frutos da evolução da palavra latina articulu; as palavras coroa e coroa originaram da palavra latina corona.

A corrente erudita, os escritores, na época do Renascimento, procuravam aproximar a língua o máximo possível do latim clássico-literário, quando muitas palavras já haviam sido modificadas pelos falantes. Como exemplo, a palavra duplo, forma erudita, correspondente à palavra dobro,

forma popular; pleno, forma erudita, correspondente à forma popular cheio; solitariu, forma erudita, correspondente à palavra solteiro, forma popular.

Entre as formas popular e erudita, estão as palavras semieruditas, aquelas provenientes da forma erudita e que, à medida que utilizadas pelo povo, sofrem alterações. Para exemplificar, as palavras humanidade e mágoa originárias de humanitate e macula.

A corrente estrangeira, muitas palavras estrangeiras foram adotadas pelo português, mesmo já existindo na forma própria da nossa língua, o que ocorreu devido aos intercâmbios cultural e comercial. Exemplos: capellu > capelo, chapéu, originária do francês; planu > piano originária do italiano.

Formas convergentes são palavras portuguesas provenientes de duas ou mais palavras latinas, iguais na forma. Exemplos: Sanu deu origem a são como sinônimo de sadio; sunt deu origem a são do verbo ser, eles são; sanctu deu origem a são, sagrado, São Pedro; vadunt deu origem a vão, do verbo ir, eles vão; de vanu originou vão, como sinônimo de vazio. A única causa para a formação das formas convergente é fonética.

As formas divergentes e convergentes podem ser associadas aos estudos da homonímia, paronímia, polissemia, sinonímia, etc. Para melhor compreensão assista ao vídeo:

O que são Homônimos

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste *e-book*, procuramos, de forma bastante simples e sucinta, abordar alguns aspectos considerados importantes para o estudo da história da língua portuguesa, desde o seu início até a atualidade. Fez-se mister retomarmos um pouco da história do latim e suas modalidades, clássico e vulgar, uma vez que deste originou a língua portuguesa e as demais línguas românicas. Retomamos também um pouco da história da Península Ibérica, bem como a formação do Condado Portucalense; a formação da língua portuguesa sob a influência de outros povos que habitavam essa região, além de outros que, posteriormente, vieram a habitá-la; procuramos também elencar os aspectos diacrônicos da língua, observando as alterações por ela sofridas durante toda a sua evolução, por meio dos metaplasmos, além de apresentar um estudo relacionado ao vocalismo e ao consonantismo, demonstrando o comportamento dessas fonemas no percurso da história da língua.

Acreditamos que este material contribuirá para que o acadêmico do Curso de Letras aprofunde os conhecimentos e como futuro docente dessa área, atue com maior segurança no que se refere aos fenômenos da língua. São muitos os estudiosos desse assunto, o que oportuniza ao acadêmico a realização de um estudo mais abrangente nessa área de conhecimento.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Dolores Garcia; NASCIMENTO, Manoel. **Gramática histórica**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1970.

COMBA, Júlio. **Programa de Latim**: Introdução à língua latina. São Paulo: Salesiana, 2003. V. I

COUTINHO, Ismael de Lima (1938). **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Imperial, 2011.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE DO PARANÁ
UNICENTRO**

**NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - NEAD
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB**

Prof.^a Dr.^a Cláudia Maris Tullio
Coordenador Geral Curso

Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Crissi Knuppel
Coordenadora Geral NEAD / Coordenadora Administrativa do Curso

Prof.^a Ms.^a Marta Clediane Rodrigues Anciutti
Coordenadora de Programas e Projetos / Coordenadora Pedagógica

Denise Holzer
Apoio Pedagógico

Ruth Rieth Leonhardt
Revisora

Murilo Holubovski
Designer Gráfico

Jan/2020